PARA UMA LEITURA LEIGA DE NIETZSCHE[1]

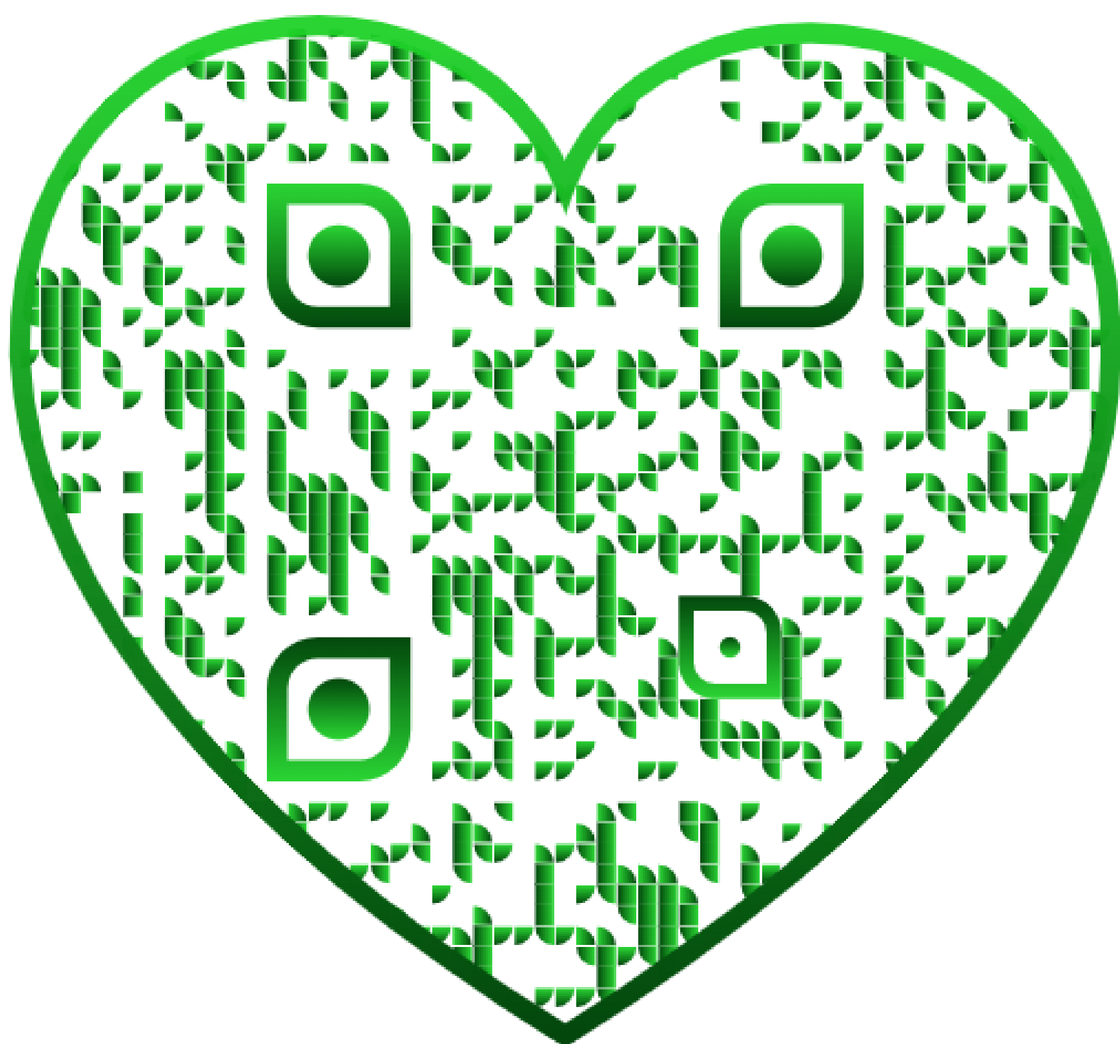
Eduardo Sugizaki
Assistente I - UCG

Instigante, a leitura de Nietzsche (1844-1900) tem atraído não só filósofos, mas também a muitos que não se ocupam profissionalmente com a filosofia. Trata-se daqueles que visitam o filósofo alemão não para uma pesquisa especializada, mas para uma leitura proveitosa pretendendo a ampliação dos horizontes da visão de mundo e da realização da existência. Muitos buscam um contraponto à inevitável necessidade de zoneamento do saber e divisão do trabalho. Outros procuram pistas para abordagens novas de problemas diversos, antigos ou recentes. É possível, ainda, procurar no filósofo-poeta palavras que traduzam a experiência do mundo e da existência no mundo[2] ou para recobrar dimensões esquecidas ou silenciadas dessa experiência.[3] Coisa que ocorre ainda hoje, mas que já se observou, sob variadas formas, no passado. Apesar do quase completo anonimato de Nietzsche até os últimos anos de seu trabalho de publicação, desde o

[1] Dedicado a Profª. Maria Dalva P. e Andrade. Por sua instigância, os diálogos sobre como ler Nietzsche proveitosamente, sem ser nem pretender ser filósofo profissional, deram origem a este texto.

[2] FINK, Eugene. Nova experiência do mundo em Nietzsche. In: MARTON, Scarlett (org.) *Nietzsche hoje?* Colóquio de Cerisy. Trad. do francês por Milton Nascimento e Sônia S. Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 187. Esta obra será doravante designada somente como *Nietzsche hoje?*.

[3] CONILL, Jesús. Las mascaras del demonio: Nietzsche y la hermeneutica. In: *Pensamiento*, n. 198. vol. 50, 1994, p. 408



crepúsculo da sua vida lúcida,[4] alvorecia uma grande irradiação de sua obra, cujo primeiro grande impacto deu-se no âmbito da literatura.[5] Fora, portanto, do mundo profissional da filosofia. Não foi pequena a popularidade que o autor já alcançou entre os jovens. Esses ainda podem encontrar nele uma leitura gratificante.[6]

Obra acessível, em que os recursos da língua vernácula viva foram explorados e enriquecidos, e minimizado o uso de vocabulário técnico,[7] basta que a tradução seja boa para uma leitura profícua de Nietzsche. Disseram, recentemente, que "nenhum filósofo alemão escreveu textos tão acessíveis

---

[4] Nos últimos dez anos de sua vida (1889 a 1900), desde que é acometido de "paralisia progressiva", segundo o diagnóstico da época, Nietzsche viveu sob os cuidados de sua mãe e de sua irmã.

[5] Temas nietzschianos aparecem nos movimentos literários do naturalismo e do impressionismo, que encerram o século XIX. No início do século XX, no simbolismo, neo-romantismo, neo-classicismo e no expressionismo. (Cf. PENZO, Giorgio. História da influência de Nietzsche na literatura e na filosofia até a interpretação de Heidegger. In: *Concilium*, n. 165, 1981, p. 17-24.). Merece destaque a influência de Nietzsche sobre o poeta alemão Stefan George e todo seu círculo (Cf. MELLO, Mário V. de. *Nietzsche: o Sócrates de nossos tempos.* São Paulo: EDUSP, 1993, p. 32-35).

Sobre a rápida valorização da obra de Nietzsche, neste período, cf. tb. VATTIMO, Gianni. *Introdução a Nietzsche*. Trad. do italiano por António Guerreiro. Lisboa: Presença, 1990, p. 100; cf. tb. MARTON, Scarlett. A terceira margem da interpretação. In: MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Trad. do alemão por Oswaldo Giacoia Júnior. São Paulo: Annablume, 1997, p. 24.

[6] Sobre a penetração de Nietzsche entre os jovens, deve-se destacar que, durante o período da Primeira Guerra Mundial, foram vendidos 11 mil exemplares de *Assim falou Zaratustra*, em menos de seis semanas e 40 mil no ano de 1917. (Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e Nietzsche*, semelhanças e dessemelhanças. Trad. do francês por Maria L. Pereira. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 30-31.) Em 1972, Gilles Deleuze indicava que jovens músicos, pintores, cineastas e outros descobriam, então, algo em Nietzsche e se sentiam ligados a este filósofo. (Cf. Pensamento nômade. In: *Nietzsche hoje?*, p. 56.).

[7] GAUGER, Hans-Martin. O estilo de Nietzsche. Exemplo: *Ecce Homo*. Trad. por Peter Naumann. In: TÜRCKE, Christoph (org.). *Nietzsche: uma provocação.* Porto Alegre: UFRGS, Gœthe-Institut, ICBA, 1994, p. 43-68.

como ele".[8] Isso se deve ao uso da linguagem coloquial e de imagens sumamente expressivas, à clareza com que apresenta seus "inimigos", à força passional de suas idéias e à referência constante aos elementos mais comuns da moral e da religiosidade ocidental.

Dar-se facilmente à leitura e permitir um nível imediato de compreensão é parte da estratégia de desvelamento da obra nietzschiana. Pensamento que se deixa alcançar à medida das possibilidades de seu leitor, é como um poço que sempre dá de sua água a quem tenta retirá-la, embora não na mesma medida, pois cada qual aproxima-se com vaso próprio. O leitor pode enriquecer-se da obra, tornando-se mais apto ao pensar tempestuoso e indomável que ela oferece, mais adestrado para o jogo de sedução que ela instaura. Ao leitor novel e ao mais simples ela atrai e repele tanto quanto ao veterano e ao perito. A ambos presenteia com gaias surpresas e sérios obstáculos.[9] É de propósito que Nietzsche encanta e faz rir, mas também

---

[8] MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. Uma filosofia para ruminar. Como se deve ler os textos de Nietzsche. Trad. do alemão por Oswaldo Giacoia Júnior. In: *Folha de São Paulo*, 9 de outubro de 1994, Caderno Mais, p. 7.

[9] Karl Löwith, estudioso de Nietzsche desde os anos 20, reconhece que só pôde escrever seu livro *A Filosofia nietzschiana do Eterno Retorno* (*Nietzsches Philosophie der enigen Wiederkunft des Gleichen*, Verlag die Runde, Berlim,1935) depois de desembriagar-se de Zaratustra (cf. Nietzsche e a completude do ateísmo. In: *Nietzsche hoje?*, p. 141). Eugen Fink reconhece o mal-estar, o desconcerto e o incômodo que lhe causa a leitura deste filósofo no qual se especializou, Nietzsche, seguindo as pegadas de Heidegger (cf. Nova experiência do mundo em Nietzsche. In: *Nietzsche hoje?*, p. 169 e187).

Representativo é o caso de uma jovem latino-americana, Susana M. Busch, que relata ter começado a ler Nietzsche em 1965, com 18 anos, envolvida no fervor da revolução cubana. "Eu o estudei sem guia docente e o pouco que entendi de sua concepção política desgostou-me profundamente. (...) Apesar disso - quiçá melhor: exatamente por isso - converti Nietzsche em meu pensador de cabeceira." Tendo ingressado na academia, passou a ocupar-se profissionalmente com a filosofia e diz ter-se apoiado em Nietzsche nos seus posteriores estudos de outros filósofos. Relata que seu trabalho foi marcado pela perplexidade que lhe causou, desde suas primeiras leituras, a expressão nietzschiana "a verdade é mulher", do Prólogo de *Para além de bem e mal*. (cf. BUSCH, Susana M. *Nietzsche: La verdade es mujer*. Universitaria, Santiago de Chile, 1994, p. 14).

desperta relutância e repugnância. Ele próprio o sabe. "Conheço em alguma medida minhas prerrogativas como escritor; certos casos me testemunham o quanto a familiaridade com meus escritos 'corrompe' o gosto." (*Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons § 3).[10] Quer obrigar o leitor a uma reflexão sempre mais radical, não o poupando da exigência de constante redefinição da decisão de continuar ou não uma leitura que, por seu caráter agônico, se torna seletiva.[11] Nietzsche quer educar pelo desafio. Quer ser amigo do leitor não pela conivência com suas fraquezas, não pela cumplicidade com seus auto-enganos, mas por seu combate às verdades cômodas. Afinal, entendeu como sua e de todo amigo da sabedoria a tarefa de ser a má-consciência de seu tempo.[12] Intencionalmente, seu texto gera contradições e desencontros

---

[10] Sempre que possível será utilizada a tradução de Rubens R. Torres Filho (In: Nietzsche, F. *Obras Incompletas*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.). Na falta deste, serão utilizadas as traduções de Paulo C. de Souza de *Para além de bem e mal*, *Para a genealogia da moral* e *Ecce homo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 2. ed., 1998 e 1995, respectivamente); e, em relação a *Assim falou Zaratustra*, será utilizada a tradução de Mário da Silva (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989). Demais traduções, salvo indicação, são de responsabilidade do autor deste artigo e têm por base NIETZSCHE, Friedrich. *Werke*, Kritische Studienausgabe. Edição crítica estabelecida por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim: Walter de Gruyter, 1988.

[11] Utilizo o adjetivo "agônico" no sentido de *combativo*, reconhecido por Francisco da S. Bueno (In: *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Lígua Portuguesa*, Vol. I. Santos: Editora Brasília, 1974, p. 125). A palavra grega *agonikós* refere-se aos "debates oratórios e a pleitos". Pelo latim *agonicu*, "relativo a jogos". Entendido dessa forma, o adjetivo aparenta-se a *agonística*, que é a arte dos atletas gregos, a ciência dos seus combates e, posteriormente, a arte da controvérsia dos filósofos dialéticos. Este sentido perdeu-se na língua portuguesa moderna, como se evidencia nos significados reconhecidos pelos dicionaristas Aurélio B. de H. Ferreira e de Caldas Aulete, dando lugar a um vínculo entre agônico e *agonia*, no sentido de declínio final em direção à morte. Entretanto, o substantivo grego *agonia* designava a luta nos jogos e a luta em sentido genérico. Essa perda do sentido grego, é devedora do latim tardio eclesiástico, no qual *agonia* passou a significar "grande medo", "aflição" e o estado d'O Crucificado, como Vítima Sagrada e o estado daquele que está nos braços da morte (cf. MACHADO, José P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Vol. I. Lisboa: Livros Horizonte, 1977).

[12] "Cada vez mais quer me parecer que o filósofo, sendo *por necessidade* um homem do amanhã e do depois do amanhã, sempre se achou e *teve* de se achar em contradição com

profundos com seus leitores. Entre esses, os mais imediatos são os que dizem respeito às valorações morais. Alguns desencontros podem se desfazer e algumas contradições dissipar-se, com o avanço da leitura e o adensamento da reflexão, dando lugar a problemas novos e mais profundos. Renova-se, assim, o desafio e a leitura prossegue, enquanto o leitor puder amar o duelo.

Num outro estatuto de leitura, que não o de uma leitura leiga, aquele em que se estabelece o mister do historiador da filosofia, estudos altamente especializados ainda não lograram exaurir e desvendar toda a complexidade da filosofia nietzschiana. Na leitura científica, não são poucos nem pequenos os problemas colocados por sua obra. Em termos técnicos, a maior parte dela é póstuma e apenas recentemente ganhou edição crítica completa. Em termos históricos, a obra foi onerada por apropriações políticas e ideológicas precipitadas e indevidas. Em termos filológicos, aperfeiçoa a língua alemã. Em termos literários, inaugura uma nova relação entre forma e conteúdo que atropela e revoluciona os mecanismos de compreensão do pensamento e de análise de texto, até então disponíveis. Em termos filosóficos, a recepção e a interpretação do conjunto dos conceitos nietzschianos não é coisa pacífica nem acabada. Em relação a esses problemas, é preciso seguir uma indicação do próprio Nietzsche: deve-se lê-lo com o cuidado e a atenção de um filólogo. Esta é sua exigência: "...um leitor como eu o mereço, que me leia como os bons filólogos antigamente liam o seu Horácio." (*Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons § 6). A leitura leiga não precisa ocupar-se com questões em um tal nível, embora possa terminar por achegar-se a problemas

---

o seu hoje: seu inimigo sempre foi o ideal de hoje. Até agora todos esses extraordinários promovedores do homem, a que se denomina filósofos (...) encontraram sua tarefa (...) em ser a má consciência do seu tempo." (*Para além de bem e mal* § 212).

dessa natureza. "Quem alcança seu ideal, vai além dele" (*Para além de bem e mal* § 73).

Pode-se ler o autor de *Aurora* proveitosamente, sem fazer exegese de seus textos. A leitura pode permanecer leiga, para além da condição iniciante, e seguir seu rumo. Ter seu ritual próprio e seus fins em si mesma, sem deixar de oferecer condições para outras incursões e investimentos mais pretensiosos. Ser excelente, sem deixar de ser leiga. Ser interessada e apropriadora, sem deixar de ser gratuita e aberta às provocações do autor. Ser criativa, por visar à gestação dos próprios pensamentos e vida, sem deixar de ser leitura. Nessas condições, o leitor deve ter prioridade sobre a obra e o autor. Se leitor e texto pertencem e reportam-se a contextos diversos, se cada qual tem seus próprios problemas e interesses, os do leitor prevalecerão. Afinal, é ele, com a vida que vive, com os desafios e perguntas que o intrigam, que dá vida ao encontro. Perspectivas e intuições nascidas da leitura poderão fecundá-lo e conduzi-lo a caminhos de reflexão a que não chegaria sem o livro. Mas continuará, de qualquer forma, perseguindo seus problemas. A obra pode integrar-se à sua trajetória e, como tudo o que se encontra no percurso, não deixará de alterá-lo. Na vida, todos os caminhos são também desvios.

Prever uma leitura mais centrada nos problemas do leitor que nos do texto, é abdicar de procurar reconstruir sua trama conceitual e de buscar determinar o lugar da obra na história do pensamento. É conferir a condição de meta ao *o que a leitura me faz pensar*. É reconhecer que as vivências do leitor sejam pressupostos impositivos. É assegurar o posto do timoneiro às suas premências. Dessa forma, a leitura leiga ganha fôlego por privilegiar o aprofundamento da reflexão em pontos mais imediatamente candentes,

postergando aspectos mais problemáticos para os quais a persistência na leitura providenciará a posterior aptidão. Essa é uma tática de que o leitor pode lançar mão para não permitir que o agônico enfrentamento encerre-se com sua derrota, o abandono prematuro da leitura.

Na proximidade de uma tal possibilidade de leitura aqui proposta, já houve quem defendesse que se é mais fiel ao pensamento de Nietzsche ocupando-se não com seus textos, mas com a produção de novas e diferentes "intensidades". Jean-François Lyotard propõe que o leitor se lance para além do texto, tanto quanto o texto vai além do autor, e que isso seja entendido não como perda, depressão ou dissolução, mas como transformação afirmativa. Essa seria, segundo o filósofo francês, a maneira mais nietzschiana de se ler Nietzsche. Com isso, Lyotard quer combater a produção restrita de comentários e interpretações sobre o filósofo alemão, onde o texto transforma-se em uma "prisão" para o leitor.[13] Em termos positivos, o que ele entende por "produção de intensidades" remete às ações de ruptura com o que está política e socialmente instituído. Para o autor, coisas semelhantes a "operações tartaruga", greves, saques de supermercados, ocupações e invasões, seqüestros, produção de sons (como certos protestos por meio de "apitaço" ou "panelaço") e vivências, como as dos marginais, artistas experimentais, *hippies*, parasitas, loucos e internados, podem produzir mais

---

[13] "Seguramente não uma leitura no sentido de interpretação, de hermenêutica, menos ainda de acumulação de saber", a leitura intensiva é, para Lyotard, "a produção de novas intensidades, diferentes. A leitura é um momento da metamorfose geral, no Retorno," onde o "autor anula-se no texto, o texto anula-se nos leitores." (LYOTARD, Jean-François. Notas sobre o retorno e o Kapital. In: *Nietzsche hoje?*, p. 46).

Ainda no Colóquio de Cerisy, outros dois pensadores mostraram-se sintonizados com a idéia da leitura intensiva. Segundo Scarlett Marton, na sua *Apresentação* à edição brasileira do Colóquio, "[e]les (Deleuze, Klossowski e Lyotard) parecem atentos àquilo que o discurso nietzschiano suscita; suas investigações se norteiam muito menos pelas idéias do filósofo do que pela perspectiva que acreditam apontar". (Cf. *Nietzsche hoje?*, p. 8).

intensidade que qualquer discurso filosófico. Lyotard vê tais transgressores do político como mais nietzschianos que os leitores de Nietzsche. Outro filósofo francês, Gilles Deleuze, aproxima-se dessa perspectiva de leitura e, ao seu modo, propõe que o leitor conduza as intensidades de Nietzsche para cada vez mais longe e para exterioridades cada vez mais distantes.

Abstraindo-se do mérito da crítica dos franceses, dirigida aos especialistas em Nietzsche, algo da sua proposta de leitura assemelha-se ao que aqui se denomina leitura leiga. Diz-se que importa produzir intensidades. Sob uma das perspectivas adotadas pelo filósofo alemão, essa forma de leitura é admissível, conforme este seu texto, também citado por Lyotard para legitimar sua proposição de um leitura intensiva de Nietzsche.

> Para o escritor é uma surpresa sempre renovada que seu livro continue a ter vida própria desde que se desliga dele; ele tem a impressão de que teria um inseto cuja parte se separasse para doravante seguir o seu próprio caminho. Talvez o esqueça quase por completo, talvez o eleve acima das opiniões que ali colocou, talvez nem mesmo o compreenda mais e tenha perdido as asas com que outrora voava quando meditava nesse livro: enquanto isso, ele procura seus leitores, inflama a vida, alegra, apavora, engendra novas obras, torna-se a alma de projetos e ações – em resumo, vive como um ser dotado de alma e entendimento e no entanto não é um ser humano. O autor terá tirado o melhor partido quando puder dizer na sua velhice que em seus escritos continua a viver tudo o que nele havia de pensamentos e de sentimentos portadores de vida, força, nobreza, luzes, e que ele mesmo não significa mais nada a não ser a cinza enquanto o fogo em toda parte foi salvo e propagado. Se considerarmos agora que toda ação de um ser humano, e não somente um livro, acaba de alguma maneira por propiciar outras ações, resoluções, pensamentos, que tudo o que acontece se encadeia indissoluvelmente a tudo o que acontecerá, então

> reconheceremos que existe a verdadeira *imortalidade*, a do movimento (*Humano, demasiado humano* § 208).[14]

Nesse aforismo, autor, obra e leitor aparecem como pólos entre os quais se mantém uma tensão de dependência e independência. O ser do livro não coincide com o ser do autor. Aquele é parte deste, mas se separa e adquire vida própria. Uma vez apartados, o autor faz um percurso e o livro outro. Isso de tal forma que, entre um e outro, surgem o esquecimento, o desnível e a incompreensão. O livro, por sua vez, independente do autor, prolonga-se no leitor, em quem inflama a vida, a quem alegra e apavora. O livro engendra outros livros e também projetos e ações dos quais se torna a alma. A obra realiza seu próprio jogo com seus leitores. Jogo dos afetos, efeitos, intensidades vividas, pavores, prazeres, dores, alegrias, resoluções e pensamentos, de impossível controle por parte do autor. Até aí, tudo se passa como se o leitor dependesse daquilo que recebe do livro. Mas uma inflexão aparece quando o autor envelhecido retorna com seu olhar retrospectivo sobre a obra, em princípio, para cobrar a dependência do leitor em relação ao livro e desse em relação a ele. Parece disposto à colheita dessa dívida. Curiosamente, entretanto, o sábio ancião não se reporta à boa ou à má leitura de seus textos. Sequer reclama fidelidade às suas idéias. Não pretende erigir seu livro em norma. Contempla um fogo que foi salvo e propagado em obras, que reconhece novas, e também em ações, resoluções e pensamentos, que reconhece outros. Descobre-se como cinza. No lugar do rancor, a alegria pela vida que se inflama. No lugar de se tomar por um ponto de partida, observa o movimento pelo qual as ações humanas propiciam outras, o que faz com que

14. A tradução utilizada é a da edição brasileira do Colóquio de Cerisy. (cf. *Nietzsche hoje?*, p. 46).

elas se interdependam mas também se independam umas das outras. No lugar de pensar na eternidade do autor e do livro, pensa no fogo que veio e vai, atravessa e abandona. É do movimento, a imortalidade que o fascina.

A metáfora de Nietzsche sugere que uma leitura descentrada do texto seja plausível, mas também que é inadequada a pergunta lyotardiana sobre o que é ser nietzschiano, algo que implicaria em uma forma fidelidade que se dispensou, ao princípio. Como seu personagem Zaratustra, que exige dos discípulos que o abandonem,[15] Nietzsche despreza o prosélito.[16] Lyotard não propõe uma leitura discipular, mas julga encontrar em determinados tipos de ruptura política uma fidelidade a Nietzsche na ação. Deixa vislumbrar, sob o seu basta à interpretação do texto, um parentesco com o basta à interpretação do mundo, em nome da sua transformação.[17] Quanto aos "nietzschianos" decantados por Lyotard, os partícipes ocasionais de movimentos políticos espontâneos, marginais aos movimentos racionalmente organizados e institucionalizados, não parece que necessitem de Nietzsche ou de outra leitura filosófica, para que realizem suas experiências de ruptura. Nem ao intérprete social Nietzsche é indispensável, quando se trata de perceber uma intensidade própria na vivência de tais "homens de exceção". Além disso,

---

15 Cf. *Assim falou Zaratustra*, Livro I, Da virtude que dá § 3.

16 "Enquanto um mestre conhece bem a força e a fraqueza de sua doutrina, de sua arte, de sua religião, sua força é ainda ínfima. O discípulo, o apóstolo, cego pelo prestígio do mestre e pelo respeito que lhe dedica, sem olhos para a fraqueza da doutrina, da religião etc., tem geralmente mais força que o mestre. Sem seus discípulos cegos, nunca a influência de um homem e de sua obra chegou a estender-se. Ajudar ao triunfo de uma idéia não tem freqüentemente outro sentido que associá-la fraternalmente à estupidez, que o grande peso da segunda dá a vitória à primeira." (*Humano, demasiado humano* § 122).

17 "Os filósofos se limitaram a *interpretar* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é *transformá-lo*." (MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl. e ENGELS. Friedrich. *A ideologia alemã (I - Feuerbach)*. Trad. do alemão por José C. Bruni e Marco A. Nogueira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1989, p. 14. Tese XI.)

embora a filosofia nietzschiana permita derivar parâmetros éticos, com repercussão sobre a ação no mundo e sobre a convivência política dos homens, não há como fazê-lo de forma imediata, a não ser numa leitura precipitada. As vivências intensas que a leitura nietzschiana deve produzir são, primeiramente, experiências de pensamento.

Sugerir que o leitor leigo coloque em operação suas vivências e perguntas e não a checagem da trama textual, é dar razão ao inevitável. Isso não implica em desconhecer e descartar que todo bom leitor quer compreender o melhor possível o que lê. Recusar absolutamente a interpretação do texto implicaria no abandono da leitura, visto que uma não se processa sem a outra. Uma posição alternativa é pensar que há leitura legítima, embora não exegética. É possível uma interpretação calcada sobre experiências vividas, partilhadas entre leitor e autor

Afinal, "não existe um método científico que seja via única para o saber." É o que nos lembra Nietzsche, em *Aurora* (§ 432), ao dizer que, se é preciso tratar o objeto do conhecimento com justiça e frieza, também é possível fazê-lo com paixão. Seguindo a metáfora do filósofo alemão, há um modo de proceder típico do policial, aquele que rastreia o criminoso, atento à empiria das pistas e das provas, mas há também o procedimento da escuta, aquele do confessor, e também o da interrogação sem compromisso, como o do curioso transeunte. De qualquer forma, a produção do conhecimento é tateante e seus fautores, aventureiros, exploradores, tentadores e conquistadores. "Obtemos qualquer coisa deles (dos objetos do conhecimento) tanto por simpatia, quanto por violência; é o respeito por seus segredos que permite a um progredir e compreender; a outro, ao contrário, é a indiscrição e a trapaça (*Schelmerei*) na explicação dos segredos" (idem).

Frente a esse objeto de conhecimento, que é o texto, incluído o texto nietzschiano, mais de um método pode ser legítimo. Sem deixar de reconhecer o lugar próprio das leituras rigorosamente fiéis a algum método científico, pode-se acreditar poder alcançar uma compreensão do texto de outro tipo e por outras vias. No caso de Nietzsche, a partilha da experiência vivida é uma via privilegiada.

As posições de Nietzsche nascem de vivências e sobre elas se assentam. "'Por quê?', disse Zaratustra. 'Perguntas por quê? Eu não sou daqueles a quem se tem o direito de indagar de seu porquê./ É, acaso, de ontem, a minha experiência da vida? Há muito que eu vivi as razões de minhas opiniões. (...)' " (*Assim falou Zaratustra*, Livro II, Dos Poetas). Rompe-se o antagonismo entre vida e pensamento. "Afinal falo apenas do vivido, não somente do 'pensado'; a própria oposição entre pensamento e vida não existe em mim."[18] Ao experimentar verdades e opiniões diversas, esforça-se por superar dualismos. "Sempre escrevi minhas obras com todo meu corpo e a minha vida; ignoro o que sejam problemas 'puramente espirituais' " (Fragmento póstumo 4 (285), do verão de 1880). Por isso, ele pode falar em obras escritas com sangue.[19] Também por isso, grande número de seus textos comunica estados vividos, sentimentos, dúvidas, desafios, rupturas e superações. O

---

[18] Passagem não publicada por Nietzsche. Parte de uma primeira versão do que viria a ser o terceiro parágrafo do capítulo *Por que escrevo livros tão bons* de *Ecce Homo*. Cf. nota 36 da tradução de Paulo C. de Souza (São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 125).

Em Nietzsche, a idéia de verdade, concebida como única e absoluta, dá lugar ao pluralismo de verdades e possibilidades de pensamento. Mas essas verdades não se equivalem. Estão em luta entre si, pois têm diferentes origens. (Cf. MARTON, Scarlett. *Nietzsche*. Das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990. Ver especialmente o sexto capítulo, intitulado "Perspectivismo e experimentalismo".)

[19] Cf. *Assim falou Zaratustra*, Livro I, Do ler e escrever.

vivido é pensado. Os pensamentos são vividos. Fazem-se experiências de pensamento. Pensamentos diversos são experimentados.[20]

Tais experiências de pensamento podem ser compreendidas, na medida em que são partilhadas. As experiências do leitor são seu instrumental prévio de compreensão do texto. O que era apenas experiência vivida pode ser guindada, pela leitura do filósofo, à condição de experiência refletida. A leitura pode pôr em funcionamento um dinamismo pelo qual as experiências anteriores desdobram-se e são levadas às últimas conseqüências, de forma a amadurecer o leitor, dotando-o de melhores condições para compreender o texto de Nietzsche e o texto da vida. Inaugura-se um círculo de retorno em que se processam novas superações. Lazer paulatino, inseparável do cotidiano existir. Leitura lenta, marcada pelo ritmo da vivência do leitor. Operando mais de uma tentativa (*Versuche*), o ledor acaba qualificando-se como tentador e experimentador (*Versucher*)[21] de pensamentos hauridos de uma obra que se entende como tentação (*Versuchung*).[22] Propor um método assim é fiar-se na nietzschiana assertiva de que "... ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mais do que já sabe. Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido." (*Ecce Homo*, Porque escrevo livros tão bons § 1).

---

20 Sendo assim, como esclarece Scarlett Marton, "todo conhecimento é experimental", "no duplo sentido de o conhecimento assentar-se em experiências de vida e implicar fazer experimentos com o pensar" (in: *A Obra Feita e a Obra por Fazer*. Tese de Livre Docência. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.) cf. tb. MARTON, Scarlett. A terceira margem da interpretação. *Op. cit.*, p. 40-41.

21 Cf. *Para além de bem e mal* § 42.

"Ó vós, homens intrépidos que me cercais! Ó vós, buscadores e tentadores de mundos por descobrir e quem quer que de vós, com astuciosas velas, se embarcasse para mares inexplorados! Vós, amigos de enigmas!" (*Assim falou Zaratustra*, Livro III, Da visão e enigma § 2).

22 Cf. *Para além de bem e mal* § 295; *Ecce Homo*, Porque escrevo livros tão bons § 6.

Por isso, embora o ponto de partida adotado, a posição existencial do leitor, ou seja, suas questões, valores, vivências e experiências de pensamento, possa não responder à exigência da busca por maior objetividade científica e a outros critérios da recepção do texto filosófico clássico, a leitura leiga pode ser filosófica ao seu próprio modo e nível. O veículo de compreensão sugerido, a partilha de experiências de pensamento, está ao alcance do leitor leigo ao mesmo tempo que não é desafio que o especialista possa negligenciar.[23]

Para que uma leitura assim qualificada possa efetivar-se, deve-se dar ouvidos à sugestão de Nietzsche para que se o rumine. "É certo que, a praticar desse modo a leitura enquanto arte, é necessário algo que precisamente em nossos dias mais se desaprendeu – e por isso exigirá tempo até que meus escritos sejam 'legíveis' – para o qual se deve ser quase vaca e de modo algum 'homem moderno': o *ruminar*..." (*Para a Genealogia da moral*, Prefácio § 8). Depois de recolher o pasto, o gado descansa e faz a segunda mastigação. No paralelismo do mastigar e ruminar com o ler e refletir, o segundo momento é uma duplicação qualitativamente ascendente do primeiro e, como tal, um tempo privilegiado. Descarta-se a leitura apressada, que se presta apenas para acrescer um acervo de informações. Aceita-se a intermitência, desde que insistente. Visitas repetidas e fortuitas não levam à perda da continuidade da leitura, em sentido amplo. Graças aos numerosos pequenos textos de

---

[23] Karl Jaspers fala em experimentar as contradições nietzschianas em sua necessidade (In: *Nietzsche*. Trad. do alemão por Emilio Estiú. Buenos Aires: Sudamericana, 1963, p. 48). Deleuze fala de uma leitura baseada na partilha, na simpatia, na empatia ou na identificação: "O único equivalente concebível seria talvez 'estar no mesmo barco'." (loc. cit., p. 60). Jean Granier deu ênfase à idéia de pensar *com* e *contra* Nietzsche. (Cf. Pensar com e contra Nietzsche. In: *Concilium*, n. 165, 1981, p. 124-130). Gérard Lebrun destaca o pensar *com* Nietzsche (Por que ler Nietzsche hoje? In: *Passeios ao léu*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Nietzsche, pode-se ler uma parte de uma obra que é, em certo sentido, uma totalidade acabada em si mesma. Acessar esses pequenos textos em diferentes circunstâncias permitirá conexões inesperadas e iluminações daquilo que o leitor trás para a leitura, sem nem mesmo se dar conta.

Por outro lado, abdicar do recurso aos métodos rigorosamente científicos não significa romper com qualquer critério de leitura. Subordinar o texto aos interesses do leitor só é admissível se esse permite que aquele permaneça intacto. "Os piores leitores são os que procedem à maneira de soldados pilhantes: eles pegam aqui ou ali do que podem ter necessidade, mancham e confundem o resto, depois praguejam contra o todo" (*Miscelânea de opiniões e sentenças* § 138). É sensato, quando se tem de renunciar à restauração de uma obra, evitar agredi-la com uma camada de tinta. A leitura leiga não está isenta da probidade intelectual. Beneficiar-se de um texto é correto, até o limite de não o retirar de seus próprios trilhos. Avançar julgamentos apressados sobre autor que não se enfrentou suficientemente nada acrescenta a uma obra de vulto, além de juízos temerários e incompreensões. Salário ruim que se dá o leitor, não somente o leigo, pois a grande obra permanece extemporânea, aguardando leitores e intérpretes suficientemente intrépidos para o intempestivo. Por isso, antes de fiar-se em quem se acredita muito objetivo para afirmar que o filósofo alemão *é* dogmático, irracionalista, proto-nazista, confuso, ignóbil etc, confie-se no silêncio da própria leitura, que pode ser leiga, mas digna de crédito, se sincera.

Fazer uma leitura apropriativa e interessada de Nietzsche também não significa fazer dela mero mecanismo de auto-ajuda. Pode-se obtê-la, mas como exigência de auto-superação e autonomia e não como lenitivo. No lugar

de bajular, de retratar as idéias em voga para dar-lhes boa consciência, em busca da venda do livro, Nietzsche nunca poupa seu leitor. Não lhe oferece a verdade, consolações fáceis ou verdades cômodas.[24] A imagem que ele pinta de seu leitor confere com as exigências de sua obra. "É necessário nunca haver se poupado, é necessário ter a *dureza* entre seus hábitos, para estar bem e sereno entre somente duras verdades" (*Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons § 3). Para não desperdiçar seu bom leitor, não faz uso de uma sofisticação inútil da linguagem. Ao contrário, dá a muitas de suas imagens e idéias uma clareza enfática, capaz de exigir do leitor que não se esquive de pensar aquilo que sabe. Afinal, "mesmo o mais corajoso dentre nós raramente tem a coragem de assumir tudo o que *sabe*..." (*Crepúsculo dos ídolos*, Sentenças e setas § 2).

No momento atual, já não se pode mais ler Nietzsche por moda. Também já passou o tempo que uma geração de filósofos profundamente marcados pelo pensamento nietzschiano, como Foucault e Deleuze, alcançavam o grande público, pelo impacto de suas publicações, até mesmo na imprensa não especializada. Apesar da inegável presença de Nietzsche na modernidade que o seguiu, nem todos consideram seu nome merecedor de aplicação detida na formação das novas gerações de intelectuais, incluídos a

---

[24] No Prólogo de *O Anticristo*, Nietzsche mostra seu consciente desencontro com as obras que conseguem alcançar o grande público: "Como ser-me-ia permitido confundir-me com aqueles para quem, hoje, nascem orelhas atentas?"

Quanto à ruptura com verdades cômodas, vale ressaltar, a título de exemplo, a crítica nietzschiana a um conceito de felicidade reduzida à comodidade, ao bem-estar e à ausência de sofrimento. A "...'felicidade' em nível dos impotentes, oprimidos, ulcerados de sentimentos venenosos e hostis, nos quais ela aparece essencialmente como narcose, ensurdecimento, tranqüilidade, paz, 'sabbat', distensão da mente e extensão dos membros, em suma *passivamente*." (*Para a Genealogia da moral*, Primeira Dissertação § 10). Cf. tb. *Para além de bem e mal* §§ 200, 201, 225, 260; *Ecce Homo*, Por que sou um destino § 4; *A*

dos futuros filósofos. Ora, esse é um contexto favorável à boa leitura do filósofo alemão. Nenhum rol de razões pode conduzir a uma leitura profunda dele enquanto essas permanecerem exteriores às experiências de pensamento vividas pelo leitor. Sendo assim, as presentes considerações sobre um possível modo leigo, mas protofilosófico, de se ler Nietzsche, restam como provocação e desafio. Quem já cruzou madrugadas aguardando auroras ou ainda vai fazê-lo, que diga se há verdades aqui.

---

gaia ciência § 351; Fragmento póstumo 34 (176), de abril-junho de 1885; *Crepúsculo dos Idolos*, Incursões de um extemporâneo § 38.